

O HOMEM DO CAMINHO



de PLÍNIO
MARCOS



Sacramentos da subversão

Nesta pequena parábola sobre a nossa condição de fazedores de teatro, saltimbancos nesta sociedade que nos quer sossegados consumidores, somos resistência e desassossego. Com as subversivas palavras do Plínio desconstruímos a paz podre dos senhores do poder (os homens pregos), instalamos a desobediência e consagramos o carnal prazer. No picadeiro o linguajar chulo das ruas e as palavras sacras, a pornografia e a oração, a sedução e o escárnio. Nós, contadores de histórias sempre em metamorfose: deus, diabo, bruxa, ciganos, feiticeiros e entidades do candomblé. Jogamos ao faz de conta libertos para encarnar os múltiplos estados do ser. Como o autor, vendemos nas ruas poeirentas a nossa poesia.

José Caldas, Junho 2023

Plínio, filho do vento, ladrão de almas

Plínio Marcos disse, em mais de uma ocasião, que ele era apenas um contador de histórias, histórias que depois viravam teatro, mas que, no essencial, eram histórias reais, reportagens. Plínio escrevia o que via e ouvia nas ruas, nos becos, em suas muitas andanças na batalha pela sobrevivência. Enquanto se firmava como dramaturgo, Plínio foi alternando de profissão, de artista circense, no início da carreira, para camelô, estivador, funileiro, faz tudo de bastidores, administrador de companhia de teatro, até cronista de futebol, entre outras atuações.

Para ele, os textos que escrevia não eram ficção, por isso ficava difícil entender a censura, a proibição de suas peças, taxadas como pornográficas e subversivas. [...] Na ignorância arrogante dos senhores e senhoras da Censura, os textos de Plínio Marcos ofendiam os valores morais e culturais da sociedade brasileira, justificando-se assim as medidas de interdição a que condenaram toda sua produção dramática.

[...] Logo em seguida à *Balada de um palhaço*, surge o conto “Sempre em frente”, publicado na coletânea *Canções e reflexões de um palhaço* (1987). Em certa medida, o conto dá sequência à peça: é o palhaço na estrada, “filho do vento”, contador de histórias, que repassa as velhas piadas, que “arma sua poesia” em “praças sem liberdade, em jardins sem flores, debaixo do céu sem estrelas, à beira de córregos por onde escoia a merda”. O conto é também o vômito de indignação que a peça anterior não vislumbrou: a voz revoltada que vocifera contra os que têm armas e ódio, propriedade e propaganda, posses e poder. É ainda a confirmação do laço que une o palhaço a Jesus Cristo – a ele, mas não à Igreja ou à cultura judaico-cristã, com seus “dogmas, superstições, medos, culpas, propriedades”.

“Sempre em frente” foi posteriormente ampliado, ainda sob o formato de conto e, depois, como monólogo, levando ambos o título *O homem do caminho* (1996).

Na nova versão do conto – que coincide integralmente com o monólogo, a não ser pela presença das didascálias –, ganha forma mais precisa a figura do narrador, ainda que dilatado em múltiplas facetas. Ele é o palhaço, o andarilho

pé na estrada, contador de histórias, cigano, ladrão mão leve que tem a arte de esvaziar os bolsos alheios, os bolsos dos que estão do outro lado. É o representante dos homens em movimento. Os da outra ponta são os homens-pregos, homens que são “da mesma raça que o prego”, homens fixos, da linhagem dos Senhores, opressores, movidos pela posse e pela ganância.

No confronto com seu antagonista, mimetizando-se às personagens que povoam suas histórias, o estradeiro ganha a potência que o poder material do outro não sustenta: ele é aquele cujo nome secreto pode enganar a Morte e aquele que, com sua maestria e potência sexual, leva as mulheres-pregos ao êxtase; são dele as piadas que denunciavam os preconceitos, é ele o mestre das trapaças, o dono da lábia que conquista a mulher mais bonita. Mais que isso tudo, ele é o Homem do Caminho, aquele que os homens-pregos perseguiram, espancaram, crucificaram; aquele que se tornou maldito por causa de sua poesia, que foi preso e banido por ela. Por fim, ele é o homem que sabe ler os mistérios que se escondem nas cartas do Tarô, que sabe de todos os destinos, mas que sabe também que não há destino selado.

O monólogo *O homem do caminho* tem seu ritmo ditado pela sucessão de histórias, pela contação de vantagens do narrador e pela leitura das cartas do Tarô, como num ritual de cura, talvez assemelhado àqueles que o próprio Plínio conduzia por talento e como profissão na jornada final de sua vida.

Seria tolice afirmar que *O homem do caminho* é uma síntese da obra de Plínio, mas certamente qualquer aspecto de sua obra anterior encontra aí alguma citação, alguma pista. Mais acertado seria dizer que *O homem do caminho* é um texto que, sem ser autobiográfico, de algum modo, conta a história de seu autor, em especial do Plínio dos últimos tempos, espiritual sem deixar de ser um crítico da matéria, vidente do Tarô, curandeiro e palhaço e, como sempre, à margem.

É dessa época a imagem que persiste na memória de muitos de nós: a de encontrar Plínio Marcos nas portas de teatros, mais uma vez camelô, indo de teatro em teatro, durante

a temporada de peças que não eram mais as suas, vendendo seus livros, livrinhos que ele mesmo editava e oferecia num corpo a corpo com os espectadores. *Canções e reflexões de um palhaço* era um desses. A figura simples de Plínio, chinelo de dedo nos pés, fala mansa mastigada, desbocado, insinuante e provocador, sempre disposto a uma polêmica, dizia muito sobre quem ele era. Plínio nunca traiu sua história, sempre levou consigo as origens do circo, a intimidade com o homem simples, o fundo humanista, as raízes populares de palhaço saltimbanco, o entendimento da espiritualidade como autoconhecimento e, sobretudo, a indignação daquele que testemunha injustiças e não sabe se calar. Aquele que era simplesmente Plínio.

“Eu também sou filho de Deus, de Deus e do vento. Sou gente da estrada. E pega com arte. Usa o talento. Violência é coisa deles. A nossa é a magia, o encantamento, o risco, a alegria de viver. Essas coisas se aprendem, ninguém ensina. Está em cada um. Quem procura, encontra. No mais, andar. Andando, andando, andando. Sem ilusão. A viagem. E depois...” (“Sempre em frente”).

Silvana Garcia

Pesquisadora diretora, dramaturga, dramaturgista; professora da Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo.

[A versão integral deste texto está disponível no blogue d'A Escola da Noite - weblog.aescoladanoite.pt]

Eu em nenhum momento estive à venda, e sempre defendi o direito de ser livre, e sempre fui.

in pliniomarcos.com

AS ARTES NÔMADES - Religiosidade Subversiva

O homem do caminho é enunciado por um andarilho chamado lur (nome vicário, usado no lugar do verdadeiro, secreto, que ele próprio desconhece), o qual, junto com a trupe do circo cigano ao qual pertence, deve percorrer um roteiro de cinquenta cidades (...)

A relação com os moradores das cidades visitadas é usualmente conflituosa, uma vez que estes, ao contrário dos saltimbancos, são determinados esquematicamente pela imobilidade, pela “propriedade”, pelas “fronteiras”, “cercas” e as “malditas coisas”; vale dizer, pela “posse” de bens materiais e de consumo. (...)

Nessa oposição que Plínio constrói de maneira esquemática e maniqueísta, os saltimbancos “anda[m] sem termo”, não temem fazer frente ao “mistério” que recobre tudo o que não é habitual ou conhecido (...). Tais habilidades para enfrentar o incomum os tornam aptos para exercer um poder real, ainda que alternativo, advindo do concurso de três artes principais, destacadas por Plínio. A primeira é a de “contador de histórias”, cujo modelo ou análogo principal é curiosamente Jesus Cristo. Nas histórias contadas por Jesus, narrador espevitado e anárquico, familiarizado com o calão da gente que vive nas ruas, o primeiro direito é sempre o da vida, sacralizada por si mesma. Quando tal direito é ameaçado, seus discursos sobrepõem-no a qualquer outro: se for para saciar a fome, por exemplo, justificam-se a invasão de propriedades e igrejas e a quebra de leis, autoridades, dogmas ou costumes. (...)

A segunda arte com que conta o saltimbanco, segundo lur, é a de artista prestidigitador, mestre de enganos, roubos e ilusões, conquanto praticados sem violência, bastando-lhe a rapidez e a firmeza das mãos. Nessa categoria de roubo “autorizado” por Cristo, de que os ciganos seriam os primeiros beneficiários, o sentido fundamental está na provisão do que é necessário para a vida, em oposição estrita ao desejo de acumulação supérflua dos “fixos”. (...)

A terceira arte praticada por lur é a do sexo. (...) O herói nômade de Plínio Marcos não se peja de relacionar a quantidade de mulheres como uma façanha a ser realizada, ou de lançar mão de vários truques para a conquista. Mais ainda, atribui à conquista da mulher pelo verdadeiro artista do sexo a possibilidade de que ela logre uma liberação física e espiritual, quando são despertadas nela, pela primeira vez, a empatia pelo outro e a alegria do convívio, fora de toda a conveniência puramente formal ou venal. (...)

Há nesse herói pliniano uma espécie de híbrido de apóstolo franciscano, cuja devoção em parte se mede pela pobreza, e de sátiro dionisíaco, cuja iniciação espiritual apenas se pode dar após o incêndio dos sentidos.

As artes do Tarô

Na perspectiva descrita por lur, as três artes que constituem o centro do poder liberador representado pelos caminhantes - vale dizer, da narrativa, da trapaça e do sexo - estão sintetizadas, de alguma maneira, na leitura das cartas do tarô. (...)

A ser necessário aplicar o termo “religiosidade” ao jogo - pois Plínio o emprega com frequência -, seria preciso deixar de lado as categorias que habitualmente o acompanham, como religião, fé ou crença, e trazer à tona uma ideia de intervenção mobilizadora e imprevista num mundo travado por hábitos e maquinismos estranhos à vontade, seja ela individual ou coletiva. Mais ainda, no caso do lur de Plínio, deve-se compreender “religiosidade” como definitivamente articulada a uma atividade energética de base marcadamente sexual. Qual seja o sentido último ou oculto dessa energética, ou qual seja o fundamento metafísico primeiro dela, de fato, importa muito pouco, pois o que vem, em primeiro lugar, é mesmo a potência de mover, ou, de outra maneira, “a magia” da intervenção do artista nômade sobre a vida urbana paralisada; vale dizer, sua capacidade de tornar unívoco e efetivamente presente um futuro animado, insuspeito, apenas deslumbrado nas dobras afiadas de sua fala sedutora.

Bem ressaltado esse aspecto intervencionista e performático, com propósitos terapêuticos, sintetizados no jogo do tarô, deve ficar claro que, ao menos por *O homem do caminho*, não se deve buscar uma compreensão filosófica oculta ou profunda nas imagens manipuladas por Plínio. Definitivamente não é a interpretação esotérica delas que importa. A resposta do enigma não está na filosofia ou no mundo, mas no impacto das imagens desconhecidas sobre o que ainda é possível saber, inventar ou representar a respeito de nós mesmos.

in PÉCORA, Alcir, *Plínio Marcos - obras teatrais: volume 4*
FUNARTE, 2017





PLÍNIO MARCOS DE BARROS nasceu em Santos, a 29 de Setembro de 1935.

Avesso aos estudos, completou apenas o ensino primário. Experimentou diversas profissões durante a juventude, acabando por se juntar ao circo, como palhaço.

Em 1958, por influência da escritora e jornalista Pagu (Patrícia Galvão), envolveu-se com o teatro amador, em Santos. Nesse mesmo ano, impressionado pelo caso verídico de um jovem violado na prisão, escreveu *Barrela*, a sua primeira peça teatral. Aclamado pelo meio teatral, que comparava os seus diálogos aos de Nelson Rodrigues, este texto permaneceu proibido durante 21 anos após a primeira apresentação.

Plínio Marcos mudou-se para São Paulo em 1960, onde se sustentava como camelô, a vender

cigarros, rádios e outros produtos contrabandeados. Trabalhou também em vários teatros e como técnico da Televisão Tupi. As suas peças continuaram a ser repetidamente proibidas pela censura, sendo apenas apresentadas em sessões clandestinas.

Apaixonado por futebol e pela cultura popular brasileira, trabalhou, a partir de 1968, em diversos jornais, escrevendo contos, reportagens, entrevistas e crónicas sobre vários assuntos. Nesse mesmo ano, integrou o elenco da telenovela *Beto Rockefeller*, onde fez sucesso entre o grande público.

Visto como símbolo do autor perseguido pela censura, tendo sido preso e interrogado por diversas vezes e acusado de subversivo e pornográfico, Plínio Marcos publicou, em 1976, *Uma Reportagem Maldita – Querô*, vencedor do Prêmio APCA de melhor romance.

Publicou ainda livros de pequenos contos ou relatos autobiográficos: *Prisioneiro de uma Canção*, *Canções* e *Reflexões de um Palhaço*, *Figurinha Difícil* e *O Truque dos Espelhos*, entre outros.

Após a ditadura, continuou a viver como camelô, a vender os seus livros e a fazer leituras

de tarot, explorando uma faceta mística, que começara a desenvolver na década de 70. Em 1985, escreveu no programa da peça *Madame Blavatsky*: “Sou um homem à procura da religiosidade. Dispensa-me dos rótulos, por favor, e eu te explico que a religiosidade nada tem a ver com seitas, igrejas, grupelhos carolas, fanáticos acorrentados a dogmas e superstições. A religiosidade nada tem de alienação, conformismo ou adaptação a um sistema político-social-económico injusto. Aliás, a religiosidade é altamente subversiva. A religiosidade leva o homem ao auto-conhecimento. E o auto-conhecimento leva o homem à subversão.”

Plínio Marcos faleceu em São Paulo, a 19 de Novembro de 1999.

PLÍNIO MARCOS Obra Teatral

1958 *Barrela*

1960 *Os fantoches* (1ª versão de *Jornada de um imbecil até o entendimento*)

1963 *Enquanto os navios atracam* (1ª versão de *Quando as máquinas páram*)

1965 *Chapéu sobre paralelepípedo para alguém chutar* (2ª versão de *Os fantoches*)

Reportagem de um tempo mau

1966 *Dois perdidos numa noite suja*

1967 *Dia virá* (1ª versão de *Jesus-Homem*)

Navalha na carne

Quando as máquinas páram (2ª versão de *Enquanto os navios atracam*)

1968 *Homens de papel*

Jornada de um imbecil até o entendimento (3ª versão de *Os fantoches*)

1969 *O abajur lilás*

Oração para um pé-de-chinelo

1970 *Balbina de lansã* (musical)

1976 *Feira livre* (opereta)

1977 *Noel Rosa, o poeta da vila e seus amores* (musical)

1978 *Jesus-Homem* (2ª versão de *Dia virá*)

1979 *Sob o signo da discoteque Querô, uma reportagem maldita* (adaptação teatral do romance homónimo)

1985 *Madame Blavatsky*

1986 *Balada de um palhaço*

1988 *A mancha roxa*

1993 *A dança final*

1995 *O assassinato do anão do carvalho grande* (adaptação teatral da novela homónima)

1996 *O homem do caminho* (monólogo adaptado de um conto homónimo, originalmente intitulado *Sempre em frente*)

1997 *O bote da loba Chico Viola* (peça inacabada, com várias versões anteriores)

*O meu Cristo é o Cristo das prostitutas, minorias, marginalizados, negros, dos que têm fome.
O despertador do homem, o grande subversivo, o grande inquietador.*

TEATRO DA CERCA
DE SÃO BERNARDO
3000-097 Coimbra
PORTUGAL
tel. 239 718 238
telm. 966 302 488
geral@aescoladanoite.pt
www.aescoladanoite.pt


**A ESCOLA
DA NOITE**


quinta
parede

TEATRO
DA CERCA
DE SÃO
BERNARDO


Rede Teatros
e Cineteatros
Portugueses

Financiamento


REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA


DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES


CÂMARA MUNICIPAL
COIMBRA


ZONAPRO


RUC


DELTA


CABELLOTEIRO


TUC


CORAL


Luztec


RESTAURANTE
O PATIO


BALZA


STAY
HOTELS



fotografias de Eduardo Pinto

texto PLÍNIO MARCOS

adaptação e encenação JOSÉ CALDAS
interpretação ALLEX MIRANDA, JOSÉ CALDAS, JULIANA ROSEIRO

espaço cénico ANA ROSA ASSUNÇÃO, JOSÉ CALDAS
música ALLEX MIRANDA, JOSÉ CALDAS
figurinos ANA ROSA ASSUNÇÃO
luz DANILO PINTO, JOSÉ CALDAS
montagem DANILO PINTO, DIOGO LOBO, EDUARDO PINTO,
RUI VALENTE, ZÉ DIOGO
operação técnica DANILO PINTO, DIOGO LOBO, ZÉ DIOGO
execução de adereços ELSA RAJADO, JOSÉ CALDAS, JOSHUA G. FORD
direcção de cena JULIANA ROSEIRO

fotografia EDUARDO PINTO
folha de sala (edição) IGOR LEBREAUD
grafismo ANA ROSA ASSUNÇÃO
produção e comunicação EDUARDO PINTO, PEDRO RODRIGUES;
JULIANA ROSEIRO e MARIANA BANACO (estagiárias)
limpeza e bar no TCSB CLÁUDIA NATIVIDADE
assistentes de sala ANDREIA NATIVIDADE, CLÁUDIA MORAIS, JOÃO SOUSA,
MARIA DIAS, MARIANA BANACO, PATRÍCIA MENDONÇA
co-produção A ESCOLA DA NOITE - GRUPO DE TEATRO DE COIMBRA
QUINTA PAREDE - ASSOCIAÇÃO CULTURAL

objecto cénico mala-mesa adaptação de modelo criado
por JOÃO MENDES RIBEIRO
agradecimentos CENA LUSÓFONA, EDUARDO MOREIRA, LUÍS PEDRO MADEIRA,
JOÃO MENDES RIBEIRO, ROBERT SOUZA, SILVANA GARCIA

M/16 > 60'
Junho 2023